

## APRESENTAÇÃO DOS CONTOS DE CORTE NO LIVRO DE DANIEL: ANÁLISE DE SUA ESTRUTURA

Almir Lima Andrade

Pós-graduando em Filosofia Contemporânea. Universidade Estadual de Feira de Santana

### RESUMO

Os capítulos iniciais do livro de Daniel apresentam, de modo geral, diversas dificuldades interpretativas. A questão persiste, pois o texto nem sempre é analisado levando-se em conta o contexto sócio-histórico no qual estava inserido quando escrito. Este trabalho busca apresentar os contos de corte do livro de Daniel, identificando os elementos estruturais do texto, tornando clara a mensagem de resistência cultural e religiosa ao “modus vivendi” helênico, utilizados para isso tanto o livro dos Macabeus como os escritos do historiador Flávio Josefo como referências.

*Palavras-chave:* Antigo Testamento – Apocalipse – Daniel – Contos de corte

### ABSTRACT

The initial chapters of the book of Daniel have (presented), in general, several interpretative difficulties. The question persists, because the text is not always analyzed taking into account the socio-historical context in which it was inserted when writing. This paper seeks to present the tales of court the book of Daniel, identifying the structural elements of the text, making clear the message of religious and cultural resistance to hellenistic “modus vivendi”, used to it the book of Maccabees as the writings of the historian Flavius Josephus as references.

*Keywords:* Old Testament – Revelation – Daniel – Tales of court

### Introdução<sup>1</sup>

O livro de Daniel é o único representante da literatura apocalíptica presente na Bíblia Hebraica e, frequentemente, é conhecido como “modelo de apocalíptica”, sendo este um dos motivos que têm levado muitos a escrever sobre este instigante material. O livro de Daniel deve ter tido, desde o começo, um lugar de honra nos círculos para o qual foi escrito, além de ter exercido profunda influência no desenvolvimento do pensamento judaico. Tal influência pode ser constatada nas referências feitas aos textos

<sup>1</sup> Artigo apresentado no seminário “O helenismo no Médio Crescente e o pensamento ocidental”, na Universidade Estadual de Feira de Santana, sob orientação do professor Dr. Ágabo Borges de Sousa.

de Daniel em outras obras como o livro dos Macabeus, os Oráculos Sibilinos, a obra de Flávio Josefo e os textos da comunidade de Qumran.

A datação do apocalipse de Daniel desde muito cedo tem sido alvo de discussões. O filósofo neoplatônico Porfírio já discordava da datação tardia do livro de Daniel. Collins, a respeito deste assunto, diz:

Porfírio argumentava que Daniel não havia sido escrito no decurso do exílio babilônico, mas na época de Antíoco Epífanes. Seu argumento básico era que Daniel “predizia” o curso de eventos de forma acurada até a época de Antíoco Epífanes, mas não além dela. Esse argumento suportou o teste do tempo. A questão não é “uma rejeição dogmática da profecia preditiva”, como os conservadores gostam de asseverar, mas um cálculo da probabilidade.<sup>2</sup>

Desde o final do século XIX, há um embate argumentativo entre duas teorias distintas a respeito da datação do único apocalipse veterotestamentário. São elas a teoria macabéia e a teoria do exílio.

A teoria do exílio, segundo Sousa<sup>3</sup>, pensa que Daniel seria o autor do livro apocalíptico canônico com o mesmo nome. O livro teria sido produzido durante o período do exílio babilônico no século VI a.C., datação esta que, para os seus defensores, é fundamentada nas passagens Dn 1. 5 – 5. 29; 7. 1; 8. 1; 9. 1; 10. 1 e no estilo-EU dos capítulos de 7 a 12. As possíveis incongruências encontradas no texto seriam, para os seus defensores, consequência de modificações posteriores do texto dito original.

Em direção diametralmente oposta, a teoria macabéia localiza o livro de Daniel no II século a.C. A argumentação desta teoria baseia-se nos textos de Dn 7. 8 e Dn 7. 25 nos quais “o chifre” é identificado com a figura de Antíoco IV, e a sua tentativa de “mudar os tempos” estaria se referindo ao decreto religioso expedido por este mesmo rei em 168/7 a.C. helenizando o culto no santuário Jerusalêmico (Dn 8. 9; 11. 13; compare 9. 27; 11. 21, 31). Segundo Sousa, esta teoria pode ainda ser fortalecida com os seguintes argumentos:

Há ainda fatores formais que fortalecem esta teoria: - o conhecimento do grego, como o grego usado no período macabeu, haja vista que na antiga história babilônica e persa o grego não era tão conhecido; - a língua bem como sua linguagem são de uma época bem mais tardia ao período exílico. Grande parte do Livro de Daniel está escrito em aramaico (Dan 2,4b - 7), ou seja uma língua que só aproximadamente em 400 a.C. começou a surgir e que no período dos Macabeus era a língua de comunicação comum. Além do aramaico temos um hebraico no livro de Daniel cujas expressões e estrutura pertencem a um período bem mais tardio ao período exílico.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> COLLINS, J. *Imaginação apocalíptica*: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. Trad. Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010, p. 136.

<sup>3</sup> SOUSA, Ágabo Borges de. *Daniel*: um apocalipse antioquiano-testamentário. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2012, p. 6.

<sup>4</sup> SOUSA, *Daniel*, p. 7.

Segundo Friedrich Dingermann<sup>5</sup>, com Daniel começa a apocalíptica propriamente dita. Composto no período da insurreição macabéia, entre 164 e 165 a.C., o livro pretende contar a vida e as visões de um personagem chamado Daniel que chega à Babilônia por volta de 605 a.C., sob o governo de Nabucodonosor e, por sua retidão e sabedoria, consegue posição influente entre os reinos babilônicos, persas e até Ciro.

Os momentos históricos do passado são abordados por meio do “*vaticinium ex eventum*” (profecia fora do evento, que leva em conta o que já aconteceu sem preocupar-se com exatidões históricas), no qual é transmitida a mensagem apocalíptica de que Deus é o Senhor da história e que somente ele conduzirá os acontecimentos ao fim por Ele mesmo fixado.

### Influências literárias

Muitos têm tentado traçar as origens literárias dos escritos apocalípticos. Para Gerhard Von Rad<sup>6</sup>, embora não se possa definir claramente o conceito de apocalíptica, esse fenômeno literário, que surge no judaísmo tardio, tem influência única e exclusiva do movimento de sabedoria. Já para Rowley, a apocalíptica tem influência exclusiva dos movimentos proféticos, chegando a afirmar que: “A profecia é a mãe da apocalíptica”.<sup>7</sup>

Werner H. Schmidt expressa a opinião mais amplamente aceita na pesquisa apocalíptica atual ao afirmar que: “O livro de Daniel continua tradições proféticas associadas a concepções sapienciais, [...] e está ao mesmo tempo, no princípio da literatura apocalíptica no sentido mais estrito do termo”.<sup>8</sup>

Para Schmidt, essa congruência entre gêneros distintos encontra-se expressa nos contos de corte como, por exemplo:

A estes quatro jovens Deus concedeu a ciência e a instrução nos domínios da literatura e da sabedoria. Além disso, Daniel era capaz de interpretar qualquer sonho e visão (Dn 1. 17).<sup>9</sup>

Ora, em todas questões de sabedoria e discernimento sobre as quais os consultava, o rei os achava dez vezes superiores a todos os magos e adivinhos do seu reino inteiro (Dn 1. 20).

<sup>5</sup> DINGERMAN, Friedrich. Anúncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim. Os inícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: SCHREINER, Josef. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004, p. 425-430.

<sup>6</sup> VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006, p. 723.

<sup>7</sup> ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica: um estudo da literatura apocalíptica judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse*. Trad. Rui Gutierrez. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 15.

<sup>8</sup> SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 277.

<sup>9</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Nova edição, revista e ampliada. Todas as citações bíblicas neste artigo utilizarão esta mesma tradução.

Tomando a palavra nestes termos: Que o nome de Deus seja bendito de eternidade em eternidade, pois são dele a sabedoria e a força (Dn 2. 20).

Para John J. Collins, os contos de corte pretendem descrever a continuidade de uma tradição.

A unidade de Daniel, então, é uma unidade secundária, atingida através de contos anteriores. Não devemos pensar, porém, que a conexão entre os contos e visões é puramente externa. Em vez disso, eles representam a continuidade da tradição.<sup>10</sup>

## 2. Gêneros literários

Von Rad<sup>11</sup>, em citação sobre o livro de Daniel, argumenta que a apocalíptica não representaria um “gênero” específico do ponto de vista literário. Pela *história das formas* ela é, na verdade, um *mixtum compositum* que levaria a uma pré-história muito complexa do ponto de vista da história das tradições. Von Rad aceita que a literatura apocalíptica em Israel recebeu influências estrangeiras, especialmente a iraniana; mas assevera que essa influência já estaria presente na sabedoria israelita desde a época de Salomão, sendo mais acentuada no Império Persa, principalmente, em relação às ideias cosmológicas de caráter claramente escatológico.

A existência de gêneros distintos na mesma obra não tira o valor apocalíptico do livro de Daniel. Gottwald destaca ressaltar que

Para uma visão completa de livros apocalípticos faz-se necessário olhar para a forma resultante da combinação de matérias de outros gêneros com apocalipses segundo definidos estritamente. Significa igualmente que um apocalipse pode incluir ele mesmo outras espécies de material que não são estritamente parte do gênero (e.g., a oração em Daniel 1, como também poder-se-ia arguir que Daniel, como um todo, é apocalipse que subte as narrativas dos caps. 1-6 como precursores e realces necessários às visões da apocalíptica de gêneros específicos de caps. 7-12).<sup>12</sup>

O livro de Daniel apresenta uma divisão natural em dois gêneros básicos: ‘contos de corte’ e ‘visões apocalípticas’. Os capítulos iniciais Dn 1-6 são considerados por muitos estudiosos como narrativas ou lendas, conhecido também como gênero hagádico. Segundo Louis F. Hartman e Alexander A. Di Lella:

O gênero hagádico, usado nos capítulos 1-6 e 13-14, recebe seu nome do hebraico mishnaico, *haggadâ*, literalmente “narrativa” ou “composição”, mas usado frequentemente com o sentido de relato que não tem quase que nenhuma base na história real,

<sup>10</sup> COLLINS, *Imaginação apocalíptica*, p. 139.

<sup>11</sup> VON RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 738.

<sup>12</sup> GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1988, p. 540.

mas é contada para inculcar uma lição moral. [...] Os relatos sobre Daniel são claramente hagáticos; em sua totalidade não podem ser considerados história no sentido estrito. Visto que seu autor não os entende como históricos, não pode ser acusado de erro se faz afirmações incorretas sobre a história.<sup>13</sup>

Para Donald E. Gowan, a crítica da forma bem como o estudo do folclore, possibilitaram a identificação de padrões de discurso, padrões estes que permitem a melhor compreensão das relações existentes entre as histórias iniciais do livro de Daniel e as literaturas antigas. Gowan, citando Humphreys, afirma que os contos de corte podem ser divididos e distinguidos “... em dois grupos de três cada (cap. 1, 3, 6 e 2, 4, 5). [...] os termos “contos de conflitos de corte” (Dn 3 e 6) e “contos de disputa na corte” (Dn 4 e 5) [...] No primeiro, uma facção procura a ruína da outra; e na última, o êxito do herói onde todos falharam.”<sup>14</sup>

A classificação do primeiro capítulo de Daniel no primeiro grupo de três, leva em conta a decisão de Daniel e seus amigos em não comer os alimentos da corte caldaica, no entanto nenhuma ameaça aparece no texto tendo em vista que só o eunuco realmente correu perigo de vida nesse caso.

Outra postura defendida por Gowan destaca dois gêneros distintos presentes nos contos de corte: as “Relatos de Sabedoria” e “Lendas de fidelidade sob ameaça”

Os textos de Dn 2, 4 e 5 teriam seus matizes nos “Relatos de Sabedoria” que compõem a narrativa de José no Egito em Gn 41. Em ambas as narrativas o personagem judeu, a quem Deus havia dado uma superior sabedoria, é promovido a uma alta posição, enquanto que a superioridade do seu Deus é reconhecida pelo rei pagão. Também o livro de Jó apresenta semelhante padrão: um personagem abastado, grande entre todos os homens sofre a perda de tudo inclusive de sua saúde. Surge, a partir daí, a questão fundamental: “Onde a sabedoria deve ser encontrada?”, Somente na superior sabedoria de Deus.

Os “Relatos de Sabedoria” aparecem com frequência na tradição literária do Oriente Médio. Exemplo disso é a narrativa sobre Ahiqar, um homem sábio que foi envolvido em uma disputa entre os reis. A crise foi provocada pelo pedido impossível feito pelo rei do Egito ao rei da Assíria, solicitando que lhe fosse enviado alguém que construísse um castelo no ar. Um pedido impossível também aparece em Dn 2, quando Nabucodonosor exige que os sábios lhe dessem não só a interpretação, mas que adivinhassem o sonho que havia sonhado. Os “Relatos” são, na verdade, disputas de inteligência, nas quais se procura conhecer quem é o mais sábio. Cada uma dessas histórias, na qual os dilemas não podem ser resolvidos por aqueles cuja sabedoria normalmente é suficiente, atribui àquele que resolve o problema uma sabedoria superior.

As “Lendas de fidelidade sob ameaça”, presentes nos capítulos 3 e 6 de Daniel, diferente das demais lendas de martírio do antigo Oriente, não expõem apenas a perseguição, a desgraça do martírio e a reabilitação; antes fazem da religião judaica a questão principal. A crítica da forma define essas histórias como

<sup>13</sup> HARTMAN, Louis F.; DI LELLA, Alexander A. In: *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã/São Paulo: Paulus, 2011, p. 809-810.

<sup>14</sup> GOWAN, Donald E. *Abingdon Old Testament Commentaries: Daniel*. Nashville: Abingdon Press, 2001, p. 24-26.

lendas, ou seja, uma narrativa sobre maravilhas que tem como objetivo a edificação.

O termo ameaça é empregado, pois o herói insiste em permanecer fiel aos aspectos essenciais da fé judaica, ainda que sua postura lhe ponha em perigo. No texto de Daniel 3, os três amigos de Daniel escolhem o martírio a abandonar seus princípios suas convicções religiosas, martírio este que não acontece, antes o livramento e o posterior reconhecimento e exaltação à fidelidade por parte dos seus algozes.

### 3. Conteúdo

Os chamados contos de corte Dn 1-6 formam uma unidade por terem em comum o lugar, tempo e pessoas. No terceiro ano do governo de Joaquim, Jerusalém é sitiada e espoliada, a nobreza é levada cativa para a Babilônia e começa o terceiro exílio judaico. O interesse do texto recai então sobre Daniel e seus três companheiros. Alguns já pensaram que as narrativas, originalmente, fossem narrações independentes, sem nexos entre si, mas com vaga recordação do período babilônico e persa. No entanto a estruturação do texto, bem como a mudança de estilo e de linguagem sugerem uma unidade textual e temática.

Para Sousa, há uma unidade que perpassa os contos de corte, que trazem ao leitor a percepção de que, mais importante do que a exatidão histórica do relato, é a mensagem por ele passada:

Há, nos contos de corte (Dan 1-6), a apresentação de alguns monarcas, que marcam a datação de cada conto, que se caracteriza por uma narrativa completa, com início, meio e fim, no qual há algum tipo de embate de nosso protagonista, Daniel. Os monarcas são Nabucodonozor, Belsazar e Dário.<sup>15</sup>

Hartman e Di Lella<sup>16</sup> apresentam uma classificação temática dos contos de corte, classificação esta que será seguida neste trabalho. Os contos são divididos da seguinte forma:

#### *(a) A prova do alimento (1. 1-21)*

Esse relato é contado em Hebraico e, provavelmente, composto para servir de introdução. O contexto inicial lembra o exílio, no qual jovens que pertenciam às classes sociais mais altas eram levados cativos e usados como força intelectual do poder Babilônico. Tendo como imperador Nabucodonosor, os jovens são levados à corte do rei e preparados para servir de acordo com o costume caldeu.

O processo de aculturação<sup>17</sup> começa pela mudança de nomes, Daniel recebe o nome Beltesasar, em

<sup>15</sup> SOUSA, Ágabo Borges de. *Daniel: uma panorâmica do apocalipse antioquiano-testamentário*. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2012, p. 6.

<sup>16</sup> HARTMAN; DI LELLA, *Novo comentário bíblico São Jerônimo*, p. 812.

<sup>17</sup> Aculturação - processo de modificação cultural de indivíduo, grupo ou povo que se adapta a outra cultura ou dela retira

referência ao deus babilônico Bel, e significa “protege sua vida”. As palavras Sedraque e Mesaque são de derivação incerta, mas, ao que tudo indica, seriam referências aos deuses caldeus, da mesma o nome Abedenego ou *abed-nebu*, significa “servo do deus Nabu”.

Toda a imposição cultural caldeia suscita uma situação problema, exposta no verso 8:

Ora, Daniel havia resolvido em seu coração não se contaminar com as iguarias do rei nem com o vinho de sua mesa. Por isso pediu ao chefe dos eunucos para deles se abster (Dn 1. 8).

Opondo-se diretamente aos costumes que lhe foram impostos, Daniel e seus amigos recusam-se a partilhar o *modus vivendi* da nova cultura que agora lhe era imposta. O texto de Daniel faz aqui, a meu ver, referência clara aos desmandos implementados pelo governador Selêucida Antíoco IV Epífanes, pelos quais os judeus seriam obrigados a comer a carne de porco, um animal considerado impuro para religião judaicas. O livro de Macabeus relata situação semelhante enfrentada pelos israelitas:

Apesar de tudo, muitos em Israel ficaram firmes e se mostraram irredutíveis em não comerem nada de impuro. Aceitaram antes morrer que contaminar-se com os alimentos e profanar a Aliança sagrada, como de fato morreram (1Mc 1. 62-63).

Nos escritos do historiador Flávio Josefo, encontramos indicações desta atitude de Antíoco IV Epífanes, filho de Selêuco, um príncipe cruel que, ao suceder seu pai implanta medidas extremas obrigando o povo judeu a renunciar seus preceitos religiosos. As medidas extremadas surgem como resposta a um levante judaico contra a helenização da cidade de Jerusalém, bem como o domínio do império selêucida.

Para executar esse desígnio tão tirânico, o cruel príncipe subiu a um lugar elevado, acompanhado pelos mais importantes da sua corte e por todos os soldados, com armas. Em seguida, mandou reunir os judeus e ordenou-lhes que comessem a carne dos porcos que ele tinha imolado aos seus ídolos, em sacrifícios abomináveis, sob pena de morte nas rodas, caso recusassem a obedecer-lhe.<sup>18</sup>

Josefo, depois de relatar o martírio do sumo sacerdote Eleazar, por sua recusa em comer da carne de porco, continua sua exposição sobre sete jovens que, com sua mãe, negaram-se a comer a carne de porco e por isso foram martirizados.

Mas, para melhor ainda demonstrar como é verdade, que a razão, cheia de piedade, domina as paixões, eu referirei também o exemplo de alguns jovens, que a razão fez

---

traços significativos. Neste processo o contato continuado de imposição cultural tende a sublimar os traços da cultura dominada em face da dominante. Cf. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0a – Abril de 2007.

<sup>18</sup> JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990, p. 748.

vitoriosos sobre os maiores tormentos que o mais bárbaro furor poderia inventar [...] Aqueles fiéis servidores de Deus, porém, em vez de se deixarem persuadir por essas palavras, e se acovardarem pelo terror de tantos tormentos, não somente não se sentiram abatidos pelo temor, mas reafirmaram ainda mais a sua resolução de resistir; só assim venceram a crueldade desse príncipe.<sup>19</sup>

Nesse contexto, o texto de Daniel sugere o enfrentamento ideológico ante a ameaça. Da mesma forma que Daniel e seus amigos, os judeus são convocados a permanecer fieis a seus preceitos religiosos mesmo diante dos apelos helenizantes

### ***(b) O sonho de Nabucodonosor (2.1-49)***

Este capítulo está intimamente relacionado com o capítulo 7. Segundo Hartman e Di Lella: “Esta narrativa contém um apocalipse dentro do relato”.<sup>20</sup> O Sonho de Nabucodonosor com uma estátua formada por distintos materiais serve como moldura para as visões apocalípticas posteriores. Esta visão dos quatro metais diferentes, representando os quatro reinos pagãos que governam sucessivamente o mundo conhecido, e que seriam eventualmente suplantados pelo reino do povo escolhido de Deus, é essencialmente a mesma que a visão apocalíptica das quatro feras no capítulo 7, um fato que aponta a ligação essencial que conecta a primeira à última seção do livro em aramaico em uma unidade literária distinta.

A situação problema é expressa no verso 9:

Se não me dais a conhecer o sonho, uma só sentença vos espera. Estais, pois, combinados para inventar explicações falsas e funestas diante de mim, enquanto o tempo vai passando. Portanto, relatai-me o sonho, e saberei que podeis dar-me também a sua interpretação (Dn 2. 9).

Diante da ameaça feita aos sábios da Babilônia, somente Daniel dirige-se ao rei para buscar a interpretação do sonho, interpretação essa que não viria dele mesmo, como relata o texto:

Tomando a palavra nestes termos: ‘Que o nome de Deus seja bendito de eternidade a eternidade, pois são dele a sabedoria e a força. É ele quem muda os tempos e estações, quem depõe reis e entroniza reis, quem dá aos sábios a sabedoria e a ciência aos que sabem discernir. Ele revela as profundezas e os segredos, ele conhece o que está nas trevas e junto dele habita a luz’ (Dn 2. 20-23).

A intenção do relato é demonstrar que a sabedoria dada por Deus a seu povo sempre seria superior, ainda que estes estivessem cativos e imersos em outra cultura. Só Daniel, com ajuda de Deus, era capaz

<sup>19</sup> JOSEFO, *História dos hebreus*, p. 749-750.

<sup>20</sup> HARTMAN; DI LELLA, *Novo comentário bíblico São Jerônimo*, p. 814.



de adivinhar e interpretar o sonho do rei. Há nesta passagem uma crítica aos saberes helênicos e ao domínio helenizante, pois o conhecimento único e verdadeiro só poderia vir de Deus que tudo domina.

Gowan, argumentando sobre a intenção principal, tanto do capítulo 2, bem como as visões presentes nos capítulos 7-12 diz:

Eles sempre demonstram a superioridade do forasteiro. Aqui não é ele mesmo o forasteiro, mas o Deus do forasteiro que é mostrado para ser supremo, e em duas maneiras. Apenas o Deus de Daniel pode revelar o sonho e seu significado, e deveria ser levado a sério o significado – que o mesmo Deus pretende um dia substituir reinos terrenos com um reino que permanecerá para sempre.<sup>21</sup>

Tanto o capítulo 2, como o capítulo 7, têm como finalidade precípua o fortalecimento da fé dos contemporâneos do autor no estabelecimento final do reino escatológico de Deus, bem como combater ideologicamente o domínio cultural helênico que lhes era imposto até então. O conhecimento verdadeiro só poderia vir de Deus e, não, das correntes filosóficas propagadas pelas escolas helênicas de então.

### *(c) Os companheiros de Daniel na fornalha (3. 1-97)*

Em todo o capítulo 3, o personagem Daniel não é mencionado, somente seus amigos, chamados, inicialmente, pelos nomes caldaicos Sedraque, Mesaque e Abdnego. Essa omissão sugere que o relato existia antes do livro de Daniel e foi, posteriormente, conectado às narrativas do livro.

Segundo Gowan<sup>22</sup>, esse relato é um exemplo clássico das “lendas de fidelidade sob ameaça”, nas quais o herói que, antes, se encontrava em prosperidade, põe-se em risco por causa da sua fidelidade religiosa. O aspecto religioso é característica única e distinta dos relatos judaicos. Depois de ser colocado em prisão, o herói tem a oportunidade de testemunhar a respeito de suas crenças recusando-se a desobedecê-las. Por meio de um surpreendente milagre, o herói é libertado e posto em lugar de honra por sua sabedoria. A finalidade precípua deste relato é mostrar que Deus protege seu povo desde que permaneçam fiéis aos preceitos divinos.

A situação problema encontra-se em Dn 3. 15-18, na qual os três amigos são postos diante do risco de morte iminente, mas, mesmo assim, escolhem o martírio.

Pois bem. Estais prontos, ao ouvirdes o som da trombeta, da flauta, da cítara, da sambuca, do saltério, da cornamusa e de toda espécie de instrumento de música, a vos prostrar e a prestar culto de adoração a estátua que fiz? Se não a adorardes, sereis imediatamente precipitados na fornalha acesa. E qual é o deus que poderá livrar-vos

<sup>21</sup> GOWAN, *Abingdon Old Testament Commentaries*: Daniel, p. 61.

<sup>22</sup> GOWAN, *Abingdon Old Testament Commentaries*: Daniel, p. 62-63.

das minhas mãos? Em resposta disseram Sidrac, Misac e Abdênago ao rei Nabucodonosor: Não há necessidade alguma de replicar-te neste assunto. Se assim for, o nosso Deus, a quem servimos, tem o poder de nos livrar da fornalha acesa e nos livrará também, ó rei, da tua mão. Mas se ele não o fizer, fica sabendo, ó rei, que não serviremos ao teu deus, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.

Depois do livramento do martírio, o rei não só reabilita os mártires como também reconhece a superioridade do Deus dos judeus.

Exclamou então Nabucodonosor: 'Bendito seja o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, que enviou o seu anjo e libertou os seus servos, os quais confiando nele, desobedeceram à ordem do rei, e preferiram expor os seus corpos, a servir ou adorar qualquer outro deus, senão o seu Deus (Dn 3. 95 [28]).

Segundo Hartman e Di Lella: "[...] a repetição de determinados grupos de palavras, tais como os nomes de instrumentos musicais (vv.5,7,10,15), dos títulos oficiais de governo (vv. 2-3, 94), e de 'nações e de povos de todas as línguas'(lit. todas nações e povos e línguas' [vv. 4,7,96])"<sup>23</sup>, seria um artifício literário que atesta a datação do relato no período anterior ao período helenista. Apesar disto o texto tornou-se elemento importante no enfrentamento ideológico judaico contra os desmandos de Antíoco IV Epífanes

Os judeus são conclamados a não se dobrar diante do ídolo pagão colocado pelo imperador no templo, ainda que a morte pelo fogo fosse o castigo para tal desobediência. O autor de 2Macabeus assim relata tais tormentos:

Outros, que tinham ocorrido junto às cavernas vizinhas, a fim de aí celebrarem oculta-mente o sétimo dia, sendo denunciados a Filipe, foram juntos entregues a chamas: tiveram escrúpulo em esboçar qualquer defesa, por respeito ao veneradíssimo dia (2 Mc 6. 11)

Ainda em 2Mc, o martírio de uma mãe com seus filhos é assim relatado:

Um dentre eles, fazendo-se porta-voz dos outros assim falou: 'Que pretendes interrogar e saber de nós? Estamos prontos a morrer, antes que transgredir as leis de nossos pais'. O rei, enfurecido, ordenou que se pusessem ao fogo assadeiras e cadeirões. Tornados estes logo incandescentes, ordenou que se cortasse a língua ao que se havia feito porta-voz dos outros, e lhe arrancassem o couro cabeludo e lhe decepassem as extremidades, tudo isso à vista de seus irmãos e de sua mãe. Já mutilado em todos os seus membros, mandou que o levassem ao fogo e o fizessem assar, enquanto ainda respirava. Difundindo-se abundantemente o vapor da assadeira, os outros exortavam-se entre si e com sua mãe, a morrer com valentia (2Mc 7. 2-5).

<sup>23</sup> HARTMAN; DI LELLA, *Novo comentário bíblico São Jerônimo*, p. 812.

Flávio Josefo relata uma fala de Antíoco IV a uma venerável mulher que é ameaçada pelo rei a abdicar a sua fidelidade aos preceitos da lei judaica e aceitar o *modus vivendi* grego, sob ameaça de morte.

Assim, não somente eu vos aconselho, mas rogo-vos a não imitar a loucura daqueles que se perdem por sua imprudência. Procurai ser da minha mesma opinião e sentimentos e tornai-vos dignos de meu afeto. Eu não estou menos disposto a fazer o bem aos que me obedecem, como resolvido a castigar severamente os que ousam resistir às minhas ordens. Confiai na minha palavra e sentir-lhe-eis o efeito. Renunciad às superstições dos vossos antepassados, comei da carne que os gregos comem e conservai assim vossa vida e vossa juventude, por um sábio proceder. Do contrário, se não abandonardes àqueles dos quais eu me declarei inimigo, mandarei matar a todos, ainda que sinta compaixão da vossa idade e da vossa beleza.<sup>24</sup>

#### **(d) O sonho de Nabucodonosor a grande árvore (3. 98 [31] – 4. 34)**

Esse relato é uma carta enclítica ou proclamação pública do rei Nabucodonosor, um padrão usado para cartas no Antigo Oriente Próximo, “começando com o nome do remetente e o endereço(s) seguido por uma saudação”.<sup>25</sup> A narrativa é iniciada em primeira pessoa, mas, no meio do relato, a narrativa fala do rei na terceira pessoa, descrevendo a interpretação do sonho feita por Daniel, relatando, posteriormente, a insanidade soberano. Somente ao final, há um retorno da narrativa à primeira pessoa, quando o rei Nabucodonosor é restabelecido de sua loucura, contando sua experiência e exaltando a Deus. Nesse relato, a situação problema é descrita no v. 5.

Tive, porém, um sonho que me aterrou. E as angústias, sobre o meu leito, e as visões da minha cabeça me atormentaram (Dn 4. 2).

O rei tem um sonho que o perturba de tal maneira a ponto de expedir um decreto a todos os sábios do seu reino solicitando a interpretação do sonho. Diferentemente do capítulo 2, o rei não coloca seus sábios sob o risco de morte, mas como estes não foram capazes de lhe dar a interpretação, Daniel é chamado. Para Gowan<sup>26</sup>, o fato de Daniel ter sido chamado por último expressa o estilo do relato. Como nos outros “Relatos de Sabedoria” a questão é saber: Quem é o mais sábio?

Um novo elemento aparece nesse relato, quando o cumprimento do sonho é descrito. Desta maneira o foco do relato não é o homem sábio, mas sim o rei que ao gloriar-se de todas as suas conquistas e poder, passa pela experiência da desumanização. A causa da desumanização real foi o orgulho. O relato faz referência ao texto de Is 14, 4-21, porém a figura central do texto aponta para outro rei, Antíoco IV Epífanes, cujo nome indica a manifestação de deus na terra. Segundo Airton José da Silva, citando F. Abel

<sup>24</sup> JOSEFO, *História dos hebreus*, p. 748.

<sup>25</sup> GOWAN, *Abingdon Old Testament Commentaries: Daniel*. p. 77.

<sup>26</sup> GOWAN, *Abingdon Old Testament Commentaries: Daniel*. p. 72.

em *Histoire de la Palestine I*:

Antíoco IV que, de 175 a 169 a.C., aparece nas moedas cunhadas em Antioquia apenas com a inscrição "Rei Antíoco", a partir desta época começa a ter sobre sua cabeça uma estrela, símbolo da divindade. E a partir de sua vitória sobre o Egito, a inscrição das moedas selêucidas é "Rei Antíoco Theos Epífanés".

'Ele pensa, definitivamente, que sua vitória o manifestou como deus, ou que é um deus que se manifestou na sua carne. Ele é o *praesens divus*, e, segundo sua intenção, o epíteto *epifanés*, 'manifesto', é relacionado com *Theós*, ou seja, com sua apoteose'.<sup>27</sup>

O relato de Dn 3. 98 [31] – 4. 34 traz aos judeus da época a mensagem de conforto de que aquele que quer tornar-se como um deus tornar-se-á um animal, quem se diviniza, conseqüentemente, se animaliza. Certamente, o trono lhe será tirado, pois Deus dá o domínio dos reinos a quem quer.

Serás expulso da convivência dos homens e com as feras do campo será tua morada. De erva, como os bois, te nutrirás, e sete tempos passarão sobre ti até que reconheças que o Altíssimo domina sobre o reino dos homens e ele o dá a quem lhe apraz (Dn 4. 29).

Outros elementos indicam que o texto foi escrito tendo por base o período do II séc. a.C., ainda que os relatos sejam anteriores a esta data. O texto de Dn 4 relata que Nabucodonosor, por não dar glória a Deus, sofre um transtorno mental e passa a comportar-se como animal, porém este relato não é encontrado em documentos babilônicos referindo-se a Nabucodonosor. No entanto outros relatos babilônicos falam de um episódio onde Nebonide enfrenta um transtorno, mas não pelos mesmos motivos relatados no livro de Daniel. Sousa afirma que:

É relevante destacar que outros documentos nos revelam que Nebonide teve a ideia, por influência de sua mãe, de fazer uma reforma religiosa trocando o deus Markuk, hegemônico na Babilônia, pelo deus Sin, senhor da cidade de Ur e venerado em outras cidades. Obviamente, este decreto desagradou boa parte da população, inclusive alguns da corte, sofrendo uma oposição ferrenha. Há notícias de que ele, em função desta "mística religiosa", teria desaparecido da corte por oito anos, dedicando-se a construir santuários para seu deus no deserto da Arábia, ressaltando que ele teria entrado em uma profunda "neurose", uma espécie de surto psicológico, deixando em seu lugar Bel-shar-usur (Belsazar), seu filho.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> ABEL, F.-M. *apud* SILVA, Airton José da. *Antíoco IV e a proibição do judaísmo*. Disponível em: <http://www.airtonjo.com/historia36.htm>. Acessado em 03/08/2012.

<sup>28</sup> SOUSA, *Daniel*: uma panorâmica do apocalipse antioquiano, p. 6-7.

*(e) A escrita na parede no festim de Baltazar (5. 1 – 6. 1)*

Este Relato de sabedoria segue o mesmo modelo dos demais, não sendo tão complexo como os do capítulo 2 e 4. Porém aqui surgem os dois maiores problemas de datação do livro de Daniel: primeiro, o nome Baltazar, conforme tradução da LXX, ou Belsazar conforme o Talmude, não é encontrado nos registros Babilônicos e Persas; além disso, também não existem registros do governo de Dário, o Medo.

Para Hartman e Di Lella<sup>29</sup>, é implícito que Baltazar seja, na verdade, Bel-shar-usur, filho do último rei caldeu da história, Nebonido, filho de Nabucodonosor, ao qual o relato de Dn 3. 98 [31] – 4. 34 se refere. Também no capítulo 5 de Daniel, o texto apresenta Baltazar como filho de Nabucodonosor, no entanto, nas crônicas babilônicas, nunca se achou referência a este governante. Logo, Baltazar seria na verdade o Bel-shar-usur da história. O real nome do filho de Nabucodonosor era Amel-Marduk, mencionado tanto em II Rs 25. 27, como por Flávio Josefo<sup>30</sup> pelo nome Evil-Merodaque.

Em sua obra “Crônicas dos Reis Caldeus no Museu Britânico” (*Chronicles of Chaldaean Kings in the British Museum*), Wiseman<sup>31</sup> baseado em documentos caldeus antigos, expõe uma cronologia do império Caldeu ou Neo-Babilônico. É possível observar na tabela 01, que Amêl-Marduk aparece como o sucessor de Nabucodonosor II e não Belsazar como é indicado em Dn 5.

Nesse relato, o enigma não aparece por meio de um sonho, mas de um escrito na parede. Em um banquete oferecido por Baltazar a mil amigos, os utensílios da casa do Senhor foram utilizados para servir as bebidas e depois de cultuarem os deuses caldeus, um acontecimento traz pavor ao rei. Os dedos de uma mão aparecem e escrevem uma mensagem. Surge a situação problema:

De repente, apareceram dedos de mão humana que se puseram a escrever, por detrás do lampadário, sobre o estuque da parede do palácio real, e o rei viu a palma da mão que escrevia. Então o rei mudou de cor, seus pensamentos se turbaram, as juntas dos seus membros se relaxaram, e os seus joelhos puseram-se a bater um contra o outro (Dn 5. 5-6).

Como nos outros relatos de sabedoria, busca-se, entre os sábios, quem é o mais sábio e de onde provém sua sabedoria. Todos os sábios do rei são desconsiderados e apenas Daniel é capaz de interpretar os escritos, pois o seu Deus é o único de onde provem a verdadeira sabedoria, esta é a mensagem central do texto. Novamente a sabedoria helênica é questionada, pois nem mesmo ela poderia livrar o homem de seus temores.

Depois de falar sobre a experiência de desumanização vivida pelo antigo rei, Daniel aponta a falha de Baltazar, ele não havia aprendido com os erros de seu pai Nabucodonosor, já que desprezara a Deus utilizando os utensílios do templo para banquetear-se e oferecer culto aos seus deuses, por isso seu reino lhe seria tirado e entregue aos medos e aos persas. Aqui, novamente, há uma referência ao rei Antíoco IV Epífanes quando este profana os vasos sagrados do templo.

<sup>29</sup> HARTMAN; DI LELLA, *Novo comentário bíblico São Jerônimo*, p. 821.

<sup>30</sup> JOSEFO, *História dos hebreus*, p. 254.

<sup>31</sup> WISEMAN, *Chronicles of Chaldaean Kings (626 – 556 BC) in the British Museum*. Trustees of the British Museum, 1956, p. 2.

Com as suas mãos imundas tocou nos vasos sagrados; e as oferendas dos outros reis, ali depositadas para incremento, glória e honra do santo Lugar, arrebatou-as com suas mãos profanas (2Mc 5. 16).

Os judeus são lembrados, por meio deste relato, que a verdadeira sabedoria vem de Deus e, como Senhor de tudo, ele estabelece e derruba os reinos humanos, da mesma maneira que o império Babilônico caiu. Todo reinado tirânico que se levante contra os desígnios de Deus, certamente, cairá, inclusive o reino de Antíoco IV Epífanes.

#### *(f) Daniel na cova dos leões (6. 2-9)*

Este é o último relato hagádico do livro de Daniel. Como nas demais “Lendas de fidelidade sob ameaça”, o herói prefere sofrer o martírio a abandonar suas convicções religiosas. Deus provê o milagre àqueles que lhe são fiéis, e todos que permanecem fiéis tem sua convicção reconhecida.

Nessa narrativa, em especial não é especificamente o rei que se volta contra a religião judaica, mas seus oficiais que, por ciúme da posição política assumida por um estrangeiro, buscam ocasião para matar Daniel.

No texto, a situação problema é assim expressa:

Os ministros do reino e os magistrados, sátrapas, conselheiros e governadores, reuniram-se em conselho para estabelecer um decreto real e da força de lei ao interdito seguinte: Todo aquele que, no decurso de trinta dias, dirigir uma prece a quem quer que seja, deus ou homem, exceto a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões (Dn 6. 7).

Como em todas as “Lendas de fidelidade sob ameaça”, o personagem recusa-se a abandonar suas convicções de fé, ainda que esta postura o coloque em perigo.

Ao saber que o documento havia sido assinado, Daniel subiu para sua casa. As janelas do seu aposento superior estavam orientadas para Jerusalém, e três vezes por dia ele se punha de joelhos, orando e confessando se Deus: justamente como havia feito até então (Dn 6. 11).

Porém, quando o rei Dário ficou sabendo da condenação de Daniel, ficou muito perturbado, tentando de todas as maneiras livrar o sábio judeu. Como não conseguiu mudar o seu decreto por causa da lei dos medos e persas, passa a noite em claro. Esse texto faz alusão aos momentos finais do rei Antíoco IV, bem como seu arrependimento por tantos males feitos a Israel:

Ao ouvir tais notícias, o rei ficou aturdido e fortemente agitado. Lançou-se ao leito e caiu doente, acabrunhado por não lhe terem sucedido as coisas segundo o seu desejo. Permaneceu ali muitos dias, enquanto uma profunda tristeza se renovava continuamente nele. Chegou mesmo a pensar que estava a ponto de morrer. Chamou todos os

seus amigos e disse-lhes: 'Sumiu o sono dos meus olhos e meu coração está abatido pela inquietação. E disse a mim mesmo: A que grau de aflição me vejo reduzido e em que imenso vagalhão agora me debato! Eu, que era tão bondoso e amado nos tempos do meu poder! Agora, porém, assalta-me a lembrança dos meus males que cometi em Jerusalém, quando me apoderei de todos os objetos de prata e ouro que lá se encontravam e mandei exterminar os habitantes de Judá sem motivo. Reconheço agora que é por causa disto que estes males se abateram sobre mim. Vede com quanta amargura eu morro em terra estrangeira!' (1Mc 6. 8-13).

Ao final, o herói, que se manteve fiel ao seu Deus é recompensado com o livramento. Além de ter o pleno reconhecimento do rei, Daniel ainda presencia a derrota de seus inimigos. Essa mensagem torna-se fundamental para os judeus que embora perseguidos e levados à morte, poderiam ter plena certeza de que Deus os livraria. Hartman e Di Lella ainda dizem:

Embora nada sugira uma data de composição após o período final persa ou final helenístico, os judeus na época de Antíoco IV Epífanes poderiam encontrar no capítulo 6 de consolo e incentivo em suas próprias provações religiosas. Deus protegê-los-ia até mesmo por meios miraculosos, porque tinha protegido Daniel na cova dos leões. Como Daniel eles também sentiram os efeitos do decreto de um rei pagão que fez da adoração pública de seu Deus, um crime punível pela morte.<sup>32</sup>

Nesse relato, aparece outra evidência de que o livro não propõe uma sequência histórica bem ordenada, antes procura transmitir uma mensagem de resistência a fim de exortar e consolar o judeu fiel. No início do sexto capítulo: "Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas, que estivessem por todo o reino" (Dn 6. 1). O rei Dário, que, erroneamente, é chamado de medo, foi o sucessor e, não, antecessor de Ciro.<sup>33</sup> Entre os documentos babilônicos antigos, especificamente, nas "Crônicas de Nabonido", o relato da queda do império caldeu subjulgado pelo rei Ciro é assim transcrito:

[Décimo sétimo ano:] . . . No mês de Tashritu, quando Ciro atacou o exército de Acadê, em Ópis sobre o Tigre, os habitantes de Acadê se revoltaram, mas ele (Nabonido) massacrrou os habitantes confusos. No 14.º dia, Sipar foi capturada sem batalha. Nabonido fugiu. No 16.º dia, Gobrias (Ugbaru), governador de Gutium, e o exército de Ciro entraram em Babilônia sem batalha. Depois, Nabonido foi preso em Babilônia quando ele voltou (lá). . . . No mês de Arahshamnu, no 3.º dia, Ciro entrou em Babilônia, galhos verdes foram espalhados diante dele — o estado de 'Paz' (lulmu) foi imposto sobre à cidade.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> HARTMAN, DI LELLA, *Novo comentário bíblico São Jerônimo*, p. 823.

<sup>33</sup> SELLIN, E; FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. D. Mateus Rocha. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012, p. 668.

<sup>34</sup> PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 3. ed. Trad. A. Leo Oppenheim. Princeton: Princeton University Press, 1969, p. 306.

Dobroruka ainda destaca as dificuldades do autor na reconstituição histórica do período do exílio judaico na Babilônia:

As dificuldades da sequência daniélica (Babilônia - Média, que na realidade existiram em ordem inversa) desaparecem quando pensamos que na lenda original o primeiro império era o assírio: o autor de Daniel adapta o tema à Babilônia, onde aparentemente vive e profetiza. A ignorância do autor quanto à história do séc.VI a.C. fica patente quando ele fala de “Dario, o Medo”, que nunca existiu.<sup>35</sup>

As evidências históricas apontam para o fato de que o texto de Daniel não propõe uma sequência histórica, o texto tem, antes, um propósito a ser cumprido, e serve como ensinamento para o tempo no qual foi escrito. Sousa, referindo-se a fixação e datação do texto e do seu propósito não historiográfico diz:

Trata-se, sim, de várias tradições que parecem estar fixadas na consciência popular, mesmo sem o conhecimento claro da localização dos personagens em seu momento histórico. Podemos compreender isso com o fato de que os textos teriam sido escritos bem depois dos períodos estabelecidos nas narrativas. Assim a data da narrativa não é idêntica a data de sua fixação escrita. Em outras palavras, tratam-se de histórias que já vinham sendo contadas há muito tempo, que foram consolidadas na tradição do povo, mas só muito tempo depois foram fixadas por escrito, com interesse de servir de lição para o momento em que estavam sendo registradas.<sup>36</sup>

Vale ressaltar que é necessário ao leitor contemporâneo, ao identificar o texto como “desajeitado” ou, até mesmo, pressupor certa “ignorância” histórica, perceber que o problema se dá pela falta de entendimento da perspectiva do autor, tendo em vista que este tem como intenção primária mostrar aos portadores do apocalipse canônico de Daniel que a história se processa de forma gradual, o mal estaria em continua evolução até atingir sua plenitude no tempo em que o livro foi escrito.

A mensagem final que perpassa todos os contos de corte presentes no livro de Daniel é que, ao o final, todos que se opõem ao povo escolhido perceberão suas atitudes errôneas. Por mais caótica que a história pareça, ao final, chegará a almejada solução, pois tudo está sob o controle de Deus.

## Referências bibliográficas

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 5ª impressão. São Paulo: Paulus, 2008.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI Gabriele. *Judaísmo, cristianismo e helenismo: ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo antigo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

<sup>35</sup> DOBRORUKA, Vicente. *Apocalipse e história*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 10.

<sup>36</sup> SOUSA, *Daniel: uma panorâmica do apocalipse antio-testamentário*, p. 7-8.



COLLINS, J. *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature: the Forms of the Old Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1984.

COLLINS, J. *Imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. Trad. Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010.

DAVIES, Philip R. O mundo social dos escritos apocalípticos. In: CLEMENTES, R. E. (org.). *O mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

DINGERMAN, Friedrich. Anúncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim. Os inícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: SCHREINER, Josef. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. Trad. Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.

DOBRORUKA, Vicente. *Apocalipse e história*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988.

GOWAN, Donald E. *Abingdon Old Testament Commentaries: Daniel*. Nashville: Abingdon Press, 2001.

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

HARTMAN, Louis F.; DI LELLA, Alexander A. In: *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã/ São Paulo: Paulus, 2011.

PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 3. ed. Trad. A. Leo Oppenheim. Princeton: Princeton University Press, 1969

ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica: um estudo da literatura apocalíptica judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse*. Trad. Rui Gutierrez. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUSSEL, D. S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SELLIN, E; FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. D. Mateus Rocha. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012.

SILVA, Airton José da. *Antíoco IV e a proibição do judaísmo*. Disponível em: <http://www.airtonjo.com/historia36.htm>. Acessado em 03/08/2012.

SOUSA, Ágabo Borges de. *Daniel: um apocalipse anticuo-testamentário*. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, BA, 2012.

SOUSA, Ágabo Borges de. *Daniel: uma panorâmica do apocalipse anticuo-testamentário*. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Feira de Santana, BA, 2012.

SOUZA, Joana D'Arc de. O movimento Apocalíptico em seu contexto sócio político e histórico. *Fragmentos de Cultura* 21.1/3 (2011): 69-78. Disponível em <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/1663/1053>. Acessado em 01/08/2012.

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais apostólicos*. Trad. Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2005.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.

WALTON, John H. *Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context: a survey of parallels between biblical and Ancient Near Eastern literature*. Michigan: Library of Biblical Interpretation, 1952.

WILSON, R. R. *Profecia e sociedade no antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 1993.

WISEMAN, *Chronicles of Chaldaean Kings (626 – 556 BC) in the British Museum*. Trustees of the British Museum, 1956.